



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MARIA JOSELY DOS SANTOS FERREIRA

**O GÊNERO TEXTUAL LETRA DE MÚSICA COMO ELEMENTO MOTIVADOR
DAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA**

GUARABIRA-PB
2013

MARIA JOSELY DOS SANTOS FERREIRA

**O GÊNERO TEXTUAL LETRA DE MÚSICA COMO ELEMENTO MOTIVADOR
DAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento aos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, sob a orientação da profa. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima.

GUARABIRA-PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

F383g

Ferreira, Maria Josely dos Santos

O gênero textual letra de música como elemento motivador das salas de língua inglesa / Maria Josely dos Santos Ferreira. – Guarabira: UEPB, 2013.

17f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima.

1. Língua Inglesa - Ensino 2. Gêneros Textuais
3. Motivação I.Título.

22.ed. 420

MARIA JOSELY DOS SANTOS FERREIRA

**O GÊNERO TEXTUAL LETRA DE MÚSICA COMO ELEMENTO MOTIVADOR
DAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento aos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Letras, sob a orientação da profa. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima.

Aprovada em _____ de fevereiro de 2013

Comissão Examinadora:

Luana Anastácia Santos de Lima

Profa. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima
(Orientadora – DL/CH/UEPB)

Luiz Henrique Santos de Andrade

Prof. Ms. Luiz Henrique Santos de Andrade
(1º Examinador – DL/CH/UEPB)

Verônica Santos de Lima

Prof. Esp. Verônica Santos de Lima
(2º Examinador – DL/CH/UEPB)

GUARABIRA-PB

2013

O GÊNERO TEXTUAL LETRA DE MÚSICA COMO ELEMENTO MOTIVADOR DAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

FERREIRA, Maria Josely dos Santos¹

RESUMO

Notamos nas aulas de Língua Inglesa, a ausência de motivação no aprendizado da língua. Isso contribui para que as aulas se tornem desinteressante para o aluno, acarretando a falta de estímulo para aprender uma língua estrangeira. Nessa perspectiva, é importante que o professor inove sua prática em função da motivação do aluno, para que este sintase encorajado a participar de momentos de leitura, interpretação e produção de textos orais ou escritos em língua inglesa. Sendo assim, é importante que o professor conheça o universo de seu aluno e, assim, possa aliar o conhecimento que já possui ao conhecimento sistematizado. Os gêneros textuais são ferramentas que podem auxiliar nessa tarefa, tendo em vista, que ao interagirmos em sociedade utilizamos os diversos gêneros de texto. Pautado nos Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006) e os PCNs (1998), traçaremos uma reflexão sobre o ensino de Língua Inglesa (BZUNECK, 2000; BUROCHOVITCH & BZUNECK, 2004; CAMPOS, 1972), discutiremos sobre o conceito de motivação e sua importância no ensino e aprendizagem da Língua Inglesa; com base em Marcuschi (2008) e Schnewvly e Dolz (2004), abordaremos a importância de aliar os gêneros textuais ao ensino de Língua. Para ilustrar a teoria estudada, relataremos a observação de uma aula de Língua Inglesa em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental da EMEF João Alves de Carvalho na cidade de Caiçara-PB, onde a utilização do gênero textual canção, assumiu a posição de elemento motivador, possibilitando a participação e o envolvimento dos alunos na aula.

Palavras-chave: Ensino de Língua Inglesa; Motivação; Gêneros textuais.

ABSTRACT

We can note in English classes, the motivation absence in language learning. This contributes to the classes become uninteresting to the student, causing none incentive to learn a foreign language. From this perspective, it is important for teachers to innovate their practice according to the student's motivation for help them to feel encouraged to participate in moments of reading, interpretation and production of oral or written texts in English. Therefore, it is important that the teacher knows the student and his universe and thus can combine the knowledge they already have to systematized knowledge. The textual genres are resources that can assist in this task, in order to facilitate to us to use them and interact in society through the various genres of text. Lined in Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006) and PCN (1998), we can draw a reflection on the teaching of English language; Bzuneck (2000), Burochovitch & Bzuneck (2004) and Campos (1972), will discuss the concept of motivation and its importance in the teaching and learning of English; based on Marcuschi (2008) and Schnewvly and Dolz (2004), we discuss the importance of combining the

¹ Graduada em Letras/Língua Portuguesa – UEPB e graduanda em Letras/Língua Inglesa – UEPB.

textual genres to the language teaching. To illustrate the theoretical study, we report the observation of a class of English language in a class of 8th grade of elementary school of EMEF João Alves de Carvalho in Caiçara town - PB, where the use of the song genre got the motivating element position, enabling the participation and involvement of students in the classroom.

Keywords: English Language Teaching. Motivation. textual genres

1 INTRODUÇÃO

O ensino da língua inglesa, além de desenvolver as competências² gramaticais, tem como objetivo desenvolver, dentre outras competências, as de leitura e escrita dos estudantes, de forma que a linguagem seja usada efetivamente em diversas situações e contextos.

Ao observar as aulas de língua inglesa, no estágio supervisionado, do professor titular da EEEFM “Antenor Navarro”, no município de Guarabira-PB, pudemos notar o desinteresse dos alunos por atividades de leitura e escrita na língua estrangeira estudada, além da falta de motivação registrada no discurso e nas atividades dos discentes.

As atividades de leitura e escrita nas aulas de língua inglesa têm sido pouco desenvolvidas, dando lugar às atividades de gramática e tradução decodificadora que ocupam espaço considerável na sala de aula. Assim, é comum o desinteresse e rejeição aos textos apresentados devido à falta de habilidades de leitura e escrita em diversos gêneros orais e escritos em língua inglesa.

Levando em consideração o que constatamos, este trabalho apresenta uma reflexão acerca do ensino de língua inglesa, gêneros textuais e propostas de ensino aliadas à música na sala de aula.

De acordo com os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006, p. 142):

É adentrando no mundo da escrita, explorando-o, construindo sentidos a partir de sua visão de mundo, que os educandos podem se tornarem leitores competentes e desta forma poderão tomar gosto pela discussão e desenvolver atitudes positivas no que se refere às atividades de leitura na escola, o que resulta no desenvolvimento de hábitos progressivos e alicerçados.

Para que isso aconteça, o professor precisa propor atividades de leitura e escrita de forma prazerosa, possibilitando dessa forma, que o aluno possa construir e registrar sentidos

² Vale salientar que trataremos, neste trabalho, o conceito de competência como sinônimo de habilidade.

diversos aos gêneros apresentados. Em outras palavras, é necessário que o professor aprimore sua prática a partir da necessidade e motivação do aluno, de forma que este possa se envolver efetivamente nas atividades.

Nesse sentido, consideramos importante o planejamento pautado na escolha do gênero e em atividades de leitura e escrita, alargando as práticas de linguagem na docência, estimulando o aluno à interatividade com o texto e a sair da condição de receptor passivo, passando a questionar e atribuir significados ao texto, de forma que esse ganhe sentido em relação à prática social. Nossa pesquisa visa, a partir da observação de uma aula na turma do 8º Ano da EMEF “João Alves de Carvalho – Caiçara-PB, refletir acerca do ensino de Língua Inglesa, da ausência da motivação na aprendizagem da língua e a partir de então, embasados nos estudos sobre os gêneros textuais, propor sugestões de atividades que possam contribuir para o ensino e aprendizagem dessa língua.

Para uma melhor compreensão, este trabalho foi dividido em três momentos. No primeiro, traçamos uma reflexão sobre as aulas de língua inglesa. No segundo, refletimos sobre o conceito de motivação e sua importância no ensino-aprendizagem. No terceiro, apresentamos uma breve discussão sobre a teoria dos gêneros textuais e sua importância no ensino de língua a partir do relato de uma experiência vivenciada por uma turma de 8º ano de uma escola municipal.

2 REVISITANDO O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

O ensino de língua estrangeira, ao contrário do que muitos pensam, principalmente a comunidade estudantil, é de suma importância no processo educacional de modo geral, já que permite além do trabalho com as habilidades linguísticas, por exemplo, compreender e perceber a natureza da linguagem e desenvolver a consciência, no ser falante nato, do funcionamento de sua própria língua.

O ensino de língua inglesa também contribui no que se refere a conhecer e entender culturas estrangeiras, relacionando os conhecimentos adquiridos a própria cultura, criando desta forma, uma apreciação cultural que remete ao próprio universo do aluno. Além disso, a possibilidade de poder entender e aceitar as diferentes maneiras de expressão e comportamento a partir das experiências interculturais é apontado como resultado no ensino de língua estrangeira. Desta forma, os PCNs de língua inglesa (1998, p.37) afirmam:

A aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades linguísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da(s) cultura(s) estrangeira(s). O desenvolvimento da habilidade de entender/dizer o que outras pessoas, em outros países, diriam em determinadas situações leva, portanto, à compreensão tanto as culturas estrangeiras quanto da cultura materna. Essa compreensão intercultural promove, ainda, a aceitação das diferenças nas maneiras de expressão e de comportamento.

O desafio maior dos docentes de língua inglesa é despertar interesse do aluno pela língua estrangeira, onde atrair e motivar os alunos para as aulas precisa ser tarefa constante. Para isso, é necessário relacionar o que é estudado com as experiências e conhecimentos que o discente já traz consigo, para que o conhecimento novo acomode-se melhor. Desta forma, o aluno terá participação ativa durante o processo de ensino-aprendizagem através de suas contribuições orais e escritas, conforme os PCNs (1998, p. 32):

Um dos procedimentos básicos de qualquer processo de aprendizagem é o relacionamento que o aluno faz do que quer aprender com aquilo que já sabe. Isso quer dizer que um dos processos centrais de construir conhecimento é baseado no conhecimento que o aluno já tem: a projeção dos conhecimentos que já possui no conhecimento novo, na tentativa de se aproximar do que vai aprender.

É muito importante, no processo de aquisição da aprendizagem, o aluno sentir-se encorajado a dar suas contribuições durante a aula. Diante desse pressuposto, notamos o quanto é viável e positivo a aplicação de textos orais e escritos que trate de temas ligados ao universo discente, sendo esse o ponto de partida para o aluno interagir com segurança, de forma que se torne confiante e assim, projetar o conhecimento que traz consigo no conhecimento novo que receberá.

Dessa forma, o conhecimento sistematizado que receberá terá maior sentido e a interação do aluno no processo discursivo será mais frequente, tendo em vista que o mesmo estará mais à vontade e seguro para dar suas contribuições, mesmo não tendo tanta segurança no conhecimento sistematizado. Assim, as aulas de língua inglesa darão grandes contribuições na aquisição do conhecimento conceptual e, com o passar do tempo, o aluno terá novos e ampliados conhecimentos, com os quais possa intervir na sociedade de forma participativa e consciente, pois de acordo os PCNs de Língua Inglesa (1998, p.32):

Pode-se dizer também que uma maneira de facilitar a aprendizagem do conhecimento sistêmico e colaborar para o engajamento discursivo da parte do aluno é exatamente fazê-lo se apoiar em textos orais e escritos que tratam de conhecimento de mundo com o qual já esteja familiarizado. Assim, para ensinar um aluno a se envolver no discurso em uma língua estrangeira, aquilo do que trata a interação de ser algo com o qual já esteja familiarizado. Isso pode ajudar a compensar a ausência de conhecimento sistêmico da parte do aluno, além de fazê-lo sentir-se mais seguro para começar a arriscar-se na língua estrangeira. O conhecimento de mundo referido nos textos pode ser ampliado com o passar do tempo e incluir questões novas para o aluno de modo a alargar seus horizontes conceituais, o que, aliás, é uma das grandes contribuições da aprendizagem de Língua Estrangeira.

Nesse processo de aprendizagem, cabe ao professor exercer o papel de mediador. As orientações do docente serão de suma importância na formação e desenvolvimento de atitudes que refletirão na formação da autonomia do aluno.

Estimular o uso adequado do material de estudo e incentivar a pesquisa, apontando-a como recurso imprescindível na aquisição do saber, oportunizará efetivos avanços. Desta forma, observamos que o progresso do aluno dependerá muito das orientações que receberá e que fará indivíduo responsável pela aquisição consciente do próprio conhecimento, mas, para isso, ele precisa receber o suporte necessário, conforme afirma os PCN de Língua Inglesa (1998, p. 55):

A mediação do professor é fundamental em todo esse percurso de aprendizagem, que abrange ainda o desenvolvimento e aprimoramento de atitudes. Coloca-se a necessidade de intervenção do professor em relação às orientações sobre como organizar e lidar com o material de estudo, como desenvolver atitudes de pesquisa e de reflexão sobre as descobertas, para promover a autonomia do aluno, sem a qual torna-se mais difícil garantir avanços.

3 MOTIVAÇÃO DISCENTE NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

3.1 O que é motivação?

Atualmente, a motivação tem ganhado espaço em discussões de estudiosos que buscam refletir em relação à falta de interesse discente no que se refere à aprendizagem, uma vez que, com a ausência da motivação, o processo de ensino-aprendizagem torna-se falho, e assim, os alunos não veem a necessidade da aquisição de novos conhecimentos, o que ocasiona a desmotivação por parte do professor, que ao perceber o desinteresse do aluno, na maioria das vezes, acabam desanimando-se ao planejar as aulas para a turma.

É importante salientar que o papel do professor diante dessa situação é promover meios para que os alunos vejam a escola e conseqüentemente a sala de aula, como uma oportunidade para que possam se inserir na sociedade como cidadãos autônomos, capazes de agir na e para a sociedade, para o fazer social. Nesse sentido, é importante que o professor esteja ciente da real necessidade de seus alunos para poder direcionar seu planejamento didático, de forma que esse venha a contribuir para essa finalidade.

De acordo com Bzuneck (2000, p.9 *apud* MORAES; VARELA, 2007), “a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar de curso”. Nessa perspectiva, podemos perceber que a motivação faz parte da vida de um indivíduo desde o seu primeiro dia de existência, uma vez que ao ser amamentado, um bebê suga seu alimento com gosto por está agasalhado e aconchegado no calor do colo de sua mãe. Mais adiante, nos seus primeiros anos de vida, percebemos que ao brincar a criança expressa seus pensamentos e suas emoções.

Em consonância com Burochovitch & Bzuneck (2004, p. 13) “a motivação tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem”. Cabe ao professor, então, buscar uma forma de motivar os alunos para que estes não desistam de realizar atividades sem imprimir sua força e vontade pessoal, uma vez que a ausência de força e vontade pode comprometer a aquisição de habilidades necessárias para o desenvolvimento do indivíduo. Além do mais, “à medida que as crianças sobem de série, cai o interesse e facilmente se instalam dúvidas quanto à capacidade de aprender certas matérias” (BUROCHOVITCH & BZUNECK, 2004, p. 15). Por isso, há uma necessidade de, cada vez mais, trabalhar a motivação do aluno, haja vista que cada etapa de ensino requer o desenvolvimento de novas habilidades.

Corroborando com Not (1993 *apud* MORAES; VARELA, 2007), “toda atividade requer um dinamismo, uma dinâmica, que se define por dois conceitos: o de energia e de direção”. Na sala de aula não é diferente. O aluno precisa de uma motivação externa que possa contribuir para o levantamento de sua autoestima ocasionando a visão de melhorias no desenvolvimento de suas habilidades.

Nesse sentido, vale salientar que, para Campos (1972), a “motivação é um processo interior, individual, que deflagra, mantém e dirige o comportamento. Implica num estado de tensão energética, resultante da ação de fortes motivos que impelem o sujeito a agir com certo grau de intensidade e empenho”. Dessa forma, a criança que não tem conhecimento de suas

competências, precisa de estímulo externo para que sua autoestima possa crescer e tornar-se um fator positivo no desenvolvimento de suas habilidades.

3.2 Conhecendo a motivação intrínseca e extrínseca

É importante ressaltar que existem dois tipos de motivação - a intrínseca e a extrínseca. Na primeira há por parte do indivíduo, um interesse pessoal na aprendizagem. A segunda serve para o desenvolvimento da primeira. Alguns autores preferem refletir sobre a segunda, mas é importante que possamos conhecer os benefícios que ambas podem trazer para o processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Burochovitch & Bzuneck (2004, p. 37), “a motivação intrínseca refere-se à escolha e realização de determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, atraente ou, de alguma forma, geradora de satisfação”. Nesse sentido, cabe ao professor conhecer os motivos que levam o aluno a adquirir determinados conhecimentos, uma vez que estando ciente disso, o professor pode planejar as atividades de forma que o aluno sintam-se motivado a adquirir o que está sendo mediado. Para Burochovitch & Bzuneck (2004, p. 37), “a participação na tarefa é a principal recompensa, não sendo necessárias pressões externas, internas ou prêmios por seu cumprimento”. Nessa perspectiva, cabe ao professor ter conhecimento do que o aluno gosta e o que o satisfaz para poder utilizar o interesse do aluno na mediação da aprendizagem.

Já a motivação extrínseca é manifestada através de elogios, direcionamentos, informações, por parte do professor, e pode contribuir para o despertar da motivação intrínseca do aluno. De acordo com BUROCHOVITCH & BZUNECK (2004, p. 45-46):

A motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas materiais ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências ou habilidades [...] diversos autores consideram as experiências de aprendizagem propiciadas pela escola como sendo extrinsecamente motivadas, levando alguns alunos que evadem ou concluem seus cursos a se sentirem aliviados por estarem livres da manipulação dos professores e livros.

Como podemos notar, a ausência da motivação extrínseca pode acarretar uma série de problemas, entre eles a pressão por realizar determinadas atividades que o professor, nem se quer, colocou em xeque a necessidade social de aprendizagem. Nesse sentido, reconhecemos a importância de aliar os dois tipos de motivação, pois assim, o professor encontrará meios

para poder orientar atividades que realmente são de interesses do aluno e que fazem parte de sua vida. É a partir de então, que entra em cena os benefícios que a motivação extrínseca favorece ao processo de ensino-aprendizagem.

Assim, é preciso que o professor ao planejar suas aulas, possa analisar, de todas as formas possíveis, a necessidade de o aluno adquirir determinado tipo de conhecimento e através da motivação extrínseca, fazer uso de algumas orientações, informações, elogios, que possam despertar a motivação intrínseca do aluno para a realização das atividades, de forma que este não se sinta insatisfeito em realizá-las devido à necessidade de uso do conhecimento adquirido a partir da realização.

Na sala de aula, os objetivos de ensino devem ser traçados de forma que sejam contempladas as necessidades do querer aprender e da importância da aquisição do conhecimento para a convivência social, pois assim, a motivação, que para Balancho e Coelho (1996) é entendida como um processo, pode acender o interesse do aluno em estudar determinado conteúdo.

O conhecimento dos dois tipos de motivação oferece ao professor a possibilidade de praticar uma avaliação mediadora, uma vez que ao estar ciente das necessidades e interesses dos alunos, o professor pode utilizar a avaliação para a reformulação de seu planejamento, possibilitando assim, rever sua prática docente ajustando-a as necessidades e interesses discentes e na hora de orientar seus alunos, faça de uma forma que torne explícito o progresso que este adquiriu ao realizar a atividade. Nesse sentido, o aluno sentir-se-á mais autônomo para poder questionar, tirar dúvidas e participar efetivamente de seu desenvolvimento. Desta forma o processo de ensino-aprendizagem acontecerá com eficácia.

4 GÊNEROS TEXTUAIS ALIADOS AO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Os gêneros textuais são infinitos, uma vez que cada campo da atividade humana se integra num determinado gênero. Além da grande variedade de gêneros do discurso, há também uma heterogeneidade oral e escrita.

São inúmeros os contatos que temos com os gêneros textuais, já que o uso frequente da tecnologia, sobre tudo a de comunicação, interfere nas atividades diárias, nos propiciando o contato não só com os gêneros já existentes, mas com os novos. A esse respeito, Marcuschi (2007) assegura que:

[...] os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão por sua vez propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos. Daí surgem formas discursivas novas, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, tele mensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (e-mails), bate-papos virtuais (chats), aulas virtuais (aulas chats) e assim por diante (MARCUSCHI, 2007, p. 20).

É importante ressaltar que não são os aspectos estruturais ou linguísticos que definem um novo gênero e sim os aspectos sociocomunicativos e funcionais. Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p. 74):

Os gêneros podem ser considerados, segundo Bakhtin (1984), como instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação. Trata-se de formas relativamente estáveis tomadas pelos enunciados em situações habituais, entidades culturais intermediárias que permitem estabilizar os elementos formais e rituais das práticas de linguagem.

Tendo em vista que os gêneros textuais, tanto os informais quanto os formais são distribuídos nas modalidades oral e escrita e em todos os contextos do cotidiano, esses gêneros podem ser trabalhados em sala de aula, permitindo que o aluno possa produzir e analisar realizações linguísticas tanto oral quanto escrita e identificar seus gêneros e respectivas características de forma que este exercício possa ser produtivo e promissor.

Levando em consideração a crise pela qual passa o ensino, muitos estudos estão sendo feitos na área e novas propostas de ensino estão surgindo. No que diz respeito aos gêneros textuais, Marcuschi, (2008) afirma:

Os gêneros textuais são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício de poder. Pode-se, pois, dizer que os gêneros textuais são nossa forma de inserção, ação e controle social no dia-a-dia. (MARCUSCHI, 2008, p. 161).

Se o ensino de língua inglesa tem como objetivo preparar o aluno para fazer uso da linguagem em situações e contextos diferentes com eficiência, a inserção dos gêneros nesse ensino é de fundamental importância. Tendo em vista esta perspectiva citada acima, os gêneros textuais suprem grande parte da necessidade de mudança no que diz respeito ao principal objetivo do ensino de língua inglesa.

O interessante no estudo de língua é justamente que o usuário saiba fazer uso da mesma em várias situações e contextos. Os gêneros textuais nos fornecem essa possibilidade, uma vez que cada gênero dentro de sua tipologia é aplicado em momentos distintos, em que

seu uso torna-se indispensável, seja quando falamos ou escrevemos. De acordo com os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006, p. 182):

O advento da internet possibilitou acesso a diferentes temas, suportes e gêneros textuais. Esses textos devem ser trazidos visando: à construção de conhecimento sobre o tema, ao uso da LE, ao conhecimento linguístico-enunciativo na LE, bem como à compreensão, valorização e atitudes de respeito pela cultura da língua estrangeira.

Cabe ao professor revisar sua prática para aprimorá-la à medida que novas necessidades forem surgindo. Agindo desta forma, poderemos alcançar melhorias no ensino de língua inglesa e, conseqüentemente, a formação de cidadãos leitores capazes de produzir e receptionar vários gêneros de textos.

O principal caminho para uma aula de língua inglesa que satisfaça as necessidades linguísticas de nossos alunos seria ancorado no trabalho com gêneros textuais, devido á adaptação comunicativa que o aluno realiza em situações contextuais na esfera de comunicação.

Podemos observar que muitos textos possuem características semelhantes e que podem ser chamados de gêneros de texto. Esses gêneros são de fácil reconhecimento por todos e, por isso facilitam a comunicação. Mas também existem gêneros que são específicos da escola. São gêneros que sua efetivação é direcionada às atividades escolares. Corroborando com Schneuwly e Dolz (2004, p. 97):

Quando nos comunicamos, adaptamo-nos à situações de comunicação. (...) Os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se uns dos outros e isso porque são produzidos em condições diferentes. (...) Em situações semelhantes, escrevemos textos com características semelhantes, que podemos chamar de *gêneros de texto*, conhecidos e reconhecidos por todos, e que, por isso mesmo, facilitam a comunicação: a conversa em família, a negociação no mercado ou o discurso amoroso. Certos gêneros interessam mais a escola – as narrativas de aventuras, as reportagens esportivas, as mesas-redondas, os seminários, as notícias do dia, as receitas de cozinha, para citar apenas alguns.

Ao trabalharmos com os gêneros, devemos, antes de tudo, fazer uma seleção, pois a escola não consegue trabalhar com todos, devido à grande variedade. Nesse sentido, é interessante que o professor selecione os gêneros que os alunos ainda não dominam, uma vez que essa seleção contribuirá para a ampliação do repertório de gêneros dominados. Segundo com os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006), “A diversidade de gêneros, praticamente ilimitada, impede que a escola trate todos eles como objeto de ensino;

torna-se necessária uma seleção”. Depois de selecionado o gênero, cabe ao professor o planejamento e a pesquisa para que o trabalho com o gênero escolhido seja eficaz e fortemente dominado pelo docente e conseqüentemente pelo aluno.

Neste sentido, entendemos que cabe à escola promover meios para que os alunos tenham acesso a práticas de efetiva aprendizagem da leitura e da escrita, propiciando atividades que venham ampliar essas competências.

4.1 Relato de experiência observada: uso da música como gênero textual

De acordo com Murphey (1992, p. 34): “(...) a música é altamente memorável, seja porque cria um estado de receptividade e descontração, seja porque suas mensagens tocam as profundezas do emocional ou ainda porque sua repetição reforça o aprendizado sem perda de motivação”.

Nesse sentido, o ensino de línguas através da canção parece-nos oportuno, pois contribui para um trabalho em sala de aula dinâmico e prazeroso, tendo em vista que essa prática despertará o interesse do aluno e conseqüentemente a participação efetiva nas atividades. Cabe ao professor desenvolver aulas dinâmicas e interessantes, tendo consciência dos objetivos a serem alcançados e mediando as atividades de forma clara e objetiva, com devidas precauções para que o momento não se torne um espaço de lazer, mas um momento de efetiva aprendizagem. A atividade com música, além de estimular a participação do aluno, também propicia a educação dos sentidos, a percepção crítica e a prática de uma leitura multisemiótica, como afirma Machado (2003, p. 119):

O uso da canção deve proporcionar no aluno uma educação dos sentidos e da percepção crítica, que proporcione, ao lado do prazer sensorial e estético, um exercício de leitura multisemiótica, voltada não apenas para a discriminação de cada materialidade semiótica do gênero, mas também para a interação pluridirecional que relaciona todos os elementos que uma canção pressupõe.

Assim, a canção pode ser um elemento facilitador no processo de ensino-aprendizagem, já que nos possibilita desenvolver a partir dela as habilidades de ouvir, falar, ler e escrever, além de desenvolver no aluno a percepção de si mesmo e de seu papel enquanto cidadão.

O trabalho com letra de música tem favorecido o ensino de Língua Inglesa, no sentido de que estimula a participação dos alunos de forma a deixar a aula mais interessante e

dinâmica. Para que haja uma participação ativa dos alunos, é indispensável que, ao escolher o gênero a ser trabalhado em sala de aula, no caso a música, o educador leve em consideração o nível, os interesses e as expectativas da turma, garantindo assim, um clima de satisfação e liberdade para as reflexões acerca do texto escolhido.

Para ilustrarmos tomaremos como exemplo uma observação do desenvolvimento de atividades com base na música *What a wonderful world* (Bob Thiele e George David Weiss), na versão de Louis Armstrong, na turma do 8º Ano “A”, diurno da EMEF “João Alves de Carvalho”. A observação aconteceu sem realização de testes nem com os alunos, nem com o professor da turma.

Em um primeiro momento, o professor³ apresentou o título da música, a fim de estimular que os alunos expusessem o que sabiam a respeito da canção, como sua temática e estilo musical. Em seguida, apresentou a música para a turma. Nesse momento os alunos receberam cópias da letra e acompanharam o áudio. E em seguida, foram encorajados pelo professor a descobrir a mensagem da canção e a relacioná-la com as experiências vividas. Dando continuidade, o professor aproveitou a canção para trabalhar as habilidades de *listening, speaking, writing* e *reading*. Para contemplar essas habilidades ele utilizou um treino ortográfico com palavras da canção, os alunos ouviam a palavra para escrevê-la. Ao final liam o que tinha escrito enquanto o professor escrevia no quadro para poderem fazer as correções. Para dar sentido ao estudo da canção, o professor lançou a proposta de produção de um cartão postal com base na temática da música.

Atividades como as que foram desenvolvidas são essenciais no ensino de língua, uma vez que, o professor estimula a produção e circulação de gêneros textuais utilizados nos mais diversos contextos sociais, além de desenvolver a habilidade de escrita na Língua Inglesa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente o ensino de Língua Inglesa vem ocupando um espaço de reflexão e estudo maior do que víamos há alguns anos atrás. Mas, ainda há muito que se fazer em relação ao ensino-aprendizagem dessa língua estrangeira, uma vez que é notório o desinteresse dos

³ Por questão de ética não será mencionada a identidade do professor.

alunos, a falta de motivação e a repetição em sala de aula de práticas educacionais voltadas para o ensino da gramática descontextualizada, repercutindo numa certa incapacidade do aluno interagir linguisticamente em contextos sociais adequados. Nesse sentido, a escola torna-se falha no cumprimento de seu papel, já que, na maioria das vezes, o aluno sai da escola com dificuldade de participar interativamente da sociedade.

É preciso que o professor revise sua prática de forma que esta possa contribuir para a motivação do aluno. Nesse sentido, conhecer o aluno, suas preferências e experiências pode contribuir para um planejamento eficaz que possa, na prática encorajar o aluno a sentir-se motivado a participar da aula, dando contribuições e conseqüentemente alargando seu nível de conhecimento e interesse em relação ao que é estudado .

Cabe à escola, especificamente ao docente de língua inglesa, direcionar sua prática de forma que essa venha contribuir para satisfazer as necessidades linguístico-sociais dos alunos. Desta forma, os gêneros textuais assumem a posição de ferramenta indispensável no trabalho com a linguagem, já que ao interagirmos linguisticamente, de forma oral ou escrita, os discursos são realizados através dos gêneros textuais.

De acordo com a observação relatada, atividades motivadoras a inserção dos gêneros textuais em especial, o gênero canção, contribuem para que o ensino da Língua Inglesa torne-se significativo no sentido de proporcionar ao aluno uma aplicabilidade social do conhecimento adquirido. Assim, a escola assumirá seu papel, no que se refere à formação de cidadãos que possam agir efetivamente na sociedade em que vive.

REFERÊNCIAS

BALANCHO, M. J. S.; COELHO, F. M. **Motivar os alunos, criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas**. 2. ed. Porto, Portugal: Texto, 1996.

BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (orgs.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Estrangeira/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, D. M. Souza. **Psicologia da aprendizagem**. Petrópolis:Vozes, 1972.

GOBBI, Denise. **A música Enquanto Estratégia de Aprendizagem em Língua Inglesa, 2001**. 133 p. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Estudos da Linguagem) – Universidade de Caxias do Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MACHADO, Irene. In: BRATI, Beth (Org). **Bakhtin Conceitos-chave**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: Gêneros Textuais: constituição e Práticas Sociodiscursivas. Editora Cortez, 2007.

_____. **Produção Textual, análise de gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. **Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem**. Revista Eletrônica de Educação. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007. Disponível em: (...) acesso em 14/04/2012.

MURPHEY, T. **Music & Song**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

NOT, Louis. **As pedagogias do conhecimento**. São Paulo: DIFEL, 1993.

PARAÍBA. Secretaria de Estado da Educação e Cultura. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. João Pessoa: [s.n.], 2006.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. **Gêneros Orais e Escritos na Escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.